



ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação

Mediação e Reconfiguração de Identidades: O Caso da Associação Cultural e Recreativa de Tondela (A.C.E.R.T.)

TORRES, Miguel

Mestrando Cidades e Culturas Urbanas

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

migueltorres@acert.pt

CARVALHO, Claudia P.

Mestre em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

claudiap@mit.edu

Resumo

Esta comunicação pretende reflectir sobre o papel dos processos de mediação na reconfiguração das identidades culturais de espaços descentralizados. No âmbito das práticas culturais da actualidade, interessa compreender os fluxos socioculturais entre os domínios dos espaços global e do local. Em que medida estas relações entre o local e o global contribuem para o reforço das identidades culturais dos espaços públicos descentralizados? Ou, pelo contrário, influenciam a dissolução daquelas identidades? Ou, até, a sua recriação, pela inclusão nos parâmetros das relações culturais pós-modernas?

O estudo de caso da Associação Cultural e Recreativa de Tondela (A.C.E.R.T.) e do seu grupo de teatro Trigo Limpo representa um exemplo desta mediação em especial quando esta se expressa no terreno das dinâmicas culturais. Ela realiza-se, não apenas entre actores locais, mais rurais, e actores urbanos, mas também entre circuitos de produção e de circulação de práticas culturais e entre criadores, actores, públicos, territórios e até mesmo no próprio acto da criação. O processo criativo integra a recolha de materiais, de índole histórica e social, característicos do local, e a sua reconfiguração por efeito de influências culturais exógenas.

Palavras-chave: Cidadania Cultural; Participação Comunitária; Práticas Culturais e Artísticas; Território





Mediação e Reconfiguração de Identidades: O Caso da Associação Cultural e Recreativa de Tondela (A.C.E.R.T.)

A principal reflexão que subjaz a esta comunicação diz respeito aos possíveis lugares das práticas culturais inovadoras, nas sociedades contemporâneas, entendidas como ingredientes indispensáveis para concretizar os relacionamentos sociais e políticos na construção e transformação da realidade social. As transformações sociais pós-modernas – o imediatismo das relações inter-individuais, o individualismo egocêntrico das escolhas, a defesa de um tipo de produção cultural comercializável – levam-nos a questionar o sentido social destas práticas culturais. É um facto que nas sociedades contemporâneas, assistimos a dois fenómenos macro-sociais susceptíveis de alterarem o perfil da dinamização da acção cultural, enquanto processo de reconstrução local de novas cidadanias e identidades pós-modernas. Por um lado, há a referir a redução do campo de acção do Estado-Nação na definição de identidades activas e socialmente comprometidas com a acção dos próprios cidadãos. Por outro, é cada vez mais intensa a influência dos processos de globalização cultural e das redes sociais de interligação mundial na definição de novos perfis para a dinamização cultural dos lugares. Neste contexto, torna-se pertinente colocar a seguinte questão: quais os enquadramentos socioculturais das dinâmicas culturais descentralizadas e qual o seu significado sociológico na era da cultura globalizada?

A presente comunicação centra-se num estudo de caso – a Associação Cultural e Recreativa de Tondela (A.C.E.R.T.) e na reflexão sobre a sua importância na definição de novos perfis para a acção cultural e artística contemporânea. Paralelamente, permite equacionar a relação do indivíduo actual com o seu papel de cidadão criativo. É neste sentido que pretendemos reflectir sobre novos formatos culturais de envolvimento comunitário e sobre a reinvenção de práticas efectivas (e, por isso, alternativas) de cidadania criativa. Práticas que, além de incitarem, cada vez mais à construção de lugares de produção, acção, recepção e aprendizagem cultural, permitem também uma progressão social para além das estratégias de democratização cultural tradicionais. Neste sentido, estes novos formatos culturais apresentam-se como potenciais criadoras de plataformas inovadoras para prática da democracia cultural, assumindo neste contexto um formato de dinamização cultural ascendente.

De facto, o exemplo aqui posto em evidência pela A.C.E.R.T., representa, em nosso entender, um caso único de prática cultural de intermediação, que se constitui como um processo sociocultural característico da época contemporânea: o do “*bricolage* cultural”. Este define-se pela criação de espaços culturais de confluência, híbridos, caracterizados pela ambiguidade das influências e pela justaposição das estruturas de sentido. Esta hibrididade concretiza-se na identidade dos espectáculos apresentados, que vão desde espectáculos mais enraizados na história do local a dinâmicas culturais mistas, onde a importância da itinerância e do contacto com o exterior influenciam a recriação, simultaneamente localizada e globalizada, desses mesmos projectos.

A própria localização espaço-temporal do projecto A.C.E.R.T., numa região do interior do país e com origem numa altura da história do país de conturbações políticas e sociais – o pós-25 de Abril -, justifica todo o processo de procura de uma identidade própria. Esta identidade surge, por um lado, como resultado da opressão cultural do Estado Novo (*status quo*) e, por outro, a partir do campo vasto de possibilidades de acção cultural, ditadas pela ideologia da intervenção social. Com uma perspectiva muito particular da importância do trabalho em equipe como forma de agregar o todo de uma determinada comunidade na procura de um objectivo comum, este trabalho tem reflexos na criação de redes locais, mais baseadas no conceito da solidariedade do que em qualquer outro.

No que diz respeito à opção artística pelo ancoramento ao legado cultural tradicional da comunidade, essa tendência só pode ser entendida se se tiver em conta a simultânea e constante preocupação de reinvenção artística e cultural desses mesmos materiais da cultura local. Por seu intermédio vão-se forjando renovados universos de sentido, herdeiros de componentes tradicionais da



cultura do local, agora “destraditionalizados” (Fortuna, 1997), porque enquadrados em inovadores e contemporâneos quadros de sentido.

Também no que diz respeito às estratégias de acção nos terrenos sociais do local, do nacional e do global, se evidencia o seu carácter de projecto de fronteira, permeável à interinfluência cultural do outro, assim como à possibilidade de troca artística e de construção conjunta de projectos culturais de sociedade. Projectos de carácter local, abertos à partilha de experiências com outras instituições culturais internacionais, nacionais e locais (grupos, associações, corporações culturais). Por outro lado, partindo do espaço local e da fidelidade às raízes culturais da comunidade, parte-se em busca de redes, extremamente personalizadas, de intercâmbio, que abram canais permeáveis de interligação artística e cultural. É neste contexto que surge a faceta da itinerância como veículo de acção experimentalista, onde se dá primordial relevo à relação directa com outros locais, estabelecendo estratégia de mediação ‘para todos’. É exactamente esta faculdade nómada de actuação que é levada ao extremo, fazendo com que os próprios espaços da representação, da recepção e da participação se encontrem num mesmo espaço físico. Assim se concebem estruturas cenográficas flutuantes, de carácter móvel, com vista ao estabelecimento de pontes de ligação com diferentes tipos de públicos. Esta faceta menos convencional atesta a capacidade da actividade de animação cultural encontrar novos canais físicos e temporais alternativos para mediar a expressão artística. Ao se estabelecerem canais de comunicação alternativos, promove-se a exploração de lugares de intermediação que possibilitam activar novos espaços de reflexão sobre a dimensão democrática da actividade artística, como campo de possibilidades de expressão comunicativa.

Mas os canais de mediação, que nos ajudam a repensar novas reconfigurações para as cidadanias contemporâneas, passam igualmente pela exploração de canais alternativos de comunicação com o público-actor. A dinâmica cultural como processo ascendente desenvolve estratégias de dinamização para a participação activa de elementos da comunidade. São variadas as linhas de intervenção da associação, com vista a desenvolver processos de *empowerment* das comunidades. Por um lado, apela-se ao envolvimento comunitário pela pesquisa sobre a realidade das situações sociais do quotidiano e da história do local. Assim aconteceu nos primeiros trabalhos do grupo de teatro desta associação – o *Trigo Limpo*, em que a faceta da intervenção social, através da acção teatral, se encontrava bem presente. Reuniam-se, assim, as condições para que os actores-intervenientes pudessem contribuir para a transformação das condições de vida das populações. O indivíduo-actor, mais do que um mero elemento da comunidade, é um verdadeiro cidadão local. Por outro lado, a vertente do teatro de rua, como veiculadora de “grande impacto visual”, de carácter expressionista (pela dimensão das estruturas e dos efeitos visuais e sonoros a elas associados) junto das audiências, pretende estimular novas vias de comunicação imediata com o público, reinventando novas possibilidades comunicativas do processo artístico. O indivíduo-agente, como elemento da comunidade - receptora activa do espectáculo -, não pode igualmente deixar de ser aqui englobado pela sua efectiva integração, com fins formativos, nos próprios espectáculos de rua de grandes dimensões. Assim se aproveita a sua panóplia de saberes sobre a cultura do local, tal como as suas potencialidades artísticas. Estes mesmos saberes que são também aproveitados na criação de um espaço de programação e apresentação de espectáculos, o Novo Ciclo ACERT, espaço por excelência da intermediação entre os agentes da associação e toda a comunidade, num processo de aprendizagem mútua, fortalecida por uma forte aposta na experimentação e formação. Mas a construção do processo de cidadania cultural participativa encontra-se também na reapropriação de espaços alternativos (como museus, jardins, espaços institucionais, pátios de escolas, escolas, barcos, cafés). São espaços que vão sendo objecto de resignificação e assim tornados espaços liminares. Neles se desenrolam outras acções e servem outras funções como actividades artísticas pluridisciplinares (teatro, música, dança, artes plásticas), que os convertem em canais multiformes de expressão cultural do local. No desenrolar desta acção de reinterpretção do significado sociocultural destes espaços, a associação entrega-se a uma acção inovadora e crítica enquanto reformula as convenções clássicas relativas ao espaço convencional da representação. O espaço representa também um canal da mediação para a conquista de novos públicos,



auto-recriando-se como local de encontro, de partilha de conhecimentos e de criação de novas sociabilidades.

Esta comunicação apresenta uma proposta de reflexão sobre quais os nossos possíveis lugares, como cidadãos, activos e socialmente comprometidos, com as comunidades que nos rodeiam. A actividade cultural, pela sua capacidade de gerar espaços sociais de intermediação e de inovação representa, na época contemporânea, um lugar privilegiado para equacionarmos o nosso papel como agentes do nosso próprio desenvolvimento. A criação de um contexto social e individualmente relevante onde todos possam encontrar o reconhecimento necessário para a construção dos seus percursos de realização pessoal, será indispensável. Um contexto que contribua para a construção de uma identidade própria e de uma consciência política em resposta a todas as tentativas de regulação excessivas, ao mesmo tempo que cria condições e promove o respeito pela diversidade local e global. São hoje necessários novos caminhos, mais criativos, que concretizem aquilo a que convencionalmente apelidamos de democracia cultural e de recepção e participação cultural. Caminhos que reclamem para si próprios a dignidade de construir e representarem um pouco da realidade das práticas culturais que nos rodeiam, mas não só. Tal como Miguel Torga o fazia para os personagens da sua *Montanha*, também aqui pretendemos relevar o lugar deste projecto local como uma parcela do universo, e uma parcela sem paredes.

Bibliografia:

Fortuna, Carlos (1997), "Destradicionalização e Imagem da Cidade – O caso de Évora", in Fortuna, Carlos (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta, 231-252.

EM FICHEIRO AUTÓNOMO.